

O CURRÍCULO E SEUS REFLEXOS

O presente trabalho foi elaborado a partir de leituras voltadas para assuntos que tratavam de currículo, movimentos sociais e também de minha experiência em um movimento social denominado PVNC (Pré-vestibular para Negros e Carentes). Ainda que seja sabido o quanto o currículo influencia a vida do aluno, julgo que, de forma mais concreta, esses reflexos podem ser sentidos em experiências como essas. Experiências que explicitam o quanto direitos—especialmente a educação—apresentados como instituídos para todos, são, na verdade, restritos a poucos. O PVNC é um movimento social voltado para a “democratização” desses direitos. Surgiu da necessidade de se “democratizar” o acesso de jovens e adultos de comunidades carentes nas Universidades Públicas, vistas pela sociedade como um ambiente somente dedicado aos filhos das classes média e alta. O principal objetivo desse movimento é fazer com que esses sujeitos alcancem a tão sonhada vaga nas universidades, sentindo-se mais cidadão ou mesmo mais inserido socialmente.

Nesse sentido, movimentos populares como os PVNC fundam-se, segundo Gohn (1992), no princípio das ações e no desejo da autodeterminação desses grupos, até então excluídos de qualquer possibilidade de acesso a bens materiais, ou de visibilidade de suas próprias existências como seres humanos que lutam para serem sujeitos de suas próprias histórias e não meros objetos de políticas e políticos.

Neste texto, discutirei um aspecto do currículo de um dos cursos do PVNC em que atuo como membro da equipe pedagógica. Apresento, portanto, experiências vividas com os professores e com os alunos envolvidos neste curso. Obviamente, minha inserção no grupo dificulta o estranhamento necessário à análise, mas facilita a compreensão da dinâmica do currículo analisado. Ou seja, é um risco que também traz alguns benefícios.

Um deles encontra-se na própria problematização que deu origem a este trabalho. A estrutura curricular do curso no qual atuo, assim como a de outros PVNC's, apresenta um aspecto diferenciado em relação ao que conhecemos como um curso pré-vestibular. A meu ver, existe uma re-leitura desses cursos pré-vestibulares, na qual se pretende mostrar aos alunos que é possível alcançar o objetivo comum a todos – o acesso à universidade — sem deixar de lado o questionamento dos conhecimentos oficiais do currículo. Por isso, o currículo integra disciplinas típicas dos cursos pré-vestibulares e também aulas de Cultura e Cidadania que viabiliza a reflexão sobre a sociedade em que vivemos e com a Equipe Pedagógica que visa dar aos alunos/as informações necessárias à sua vivência como

vestibulandos e futuros graduandos. Trata-se, sem dúvida, de um diferencial importante desses currículos, mas, na minha experiência em um dos núcleos do PVNC, foi possível observar o quanto tem sido difícil viabilizar uma formação que transcenda a cultura formalmente esperada da escola. São esses conflitos que pretendo explorar neste pôster.

Antes, porém, gostaria de clarificar como estou compreendendo o currículo. Entendo que o conceito de currículo vai muito além de um conjunto de disciplinas, sendo uma ferramenta poderosa na produção de subjetividades. Entendo também que podemos falar de currículo em relação às ações diretamente relacionadas com a educação formal quanto quando nos referimos a espaços não formais de educação, como igrejas, partidos políticos, sindicatos. São todas, instituições que visam à formação do indivíduo. Uma formação ligada, historicamente, ao controle social. Nesse sentido, na medida em que o currículo influencia diretamente a vida do indivíduo, ele tem tido papel relevante na construção de um perfil social homogêneo, seja ditado pelas tradições e pelo senso comum seja propiciado pelos ditames econômicos de uma sociedade global.

Apoiando-me nas discussões pós-coloniais, dialogando, entre outros, com Bhabha (1998), no entanto, defendo que o desejo de homogeneização do currículo nunca se completa. Assim, a dominação dos currículos, que busca afastar para sempre a diferença, nunca será total. Toda dominação estará sempre baseada no repúdio e no reconhecimento da diferença, o que implica em estarmos vivendo num espaço liminar em que é difícil a fixação de sentidos. No currículo, o projeto iluminista, ao mesmo tempo em que despreza os outros saberes, afastando-os como lugar do erro, torna-os próximos ao buscar colonizá-los. Assim, o desejo do colonizador em relação ao colonizado - aquele que tem algo de que o colonizador não dispõe - torna a colonização total uma empreitada impossível.

Na sala de aula, se o saber oficial faz seu papel de colonizador no currículo, impondo uma cultura dominante, descaracterizando o que já havia, menosprezando a existência de outras formas de manifestações culturais, ele também se institui a partir das experiências do outro. Esse jogo cria no currículo um espaço híbrido (Macedo, 2005) em que nem os saberes oficiais nem os saberes do sujeitos do currículo podem se manter intactos.

É com essa concepção do currículo como espaço híbrido em que tanto o conhecimento oficial, global, quanto o conhecimento de cada um de nós negociam sua existência, que pretendo analisar a experiência curricular do PVNC do qual participo.

Narro, portanto, contradições que não espero que se resolvam, mas que explicitam

as próprias dificuldades de constituição de um projeto alternativo, visto que também nele os desejos do colonizador se fazem presentes.

Início com uma primeira evidência: disciplinas clássicas de um pré-vestibular convivem com atividades de Cultura e Cidadania, mas ocupam no currículo lugares separados. Essa evidência é uma das materializações dos conflitos, das dificuldades de integrar em um só momento a formação nos conhecimentos necessários para o vestibular e a formação crítica. Ainda que, em ambos os momentos, estejamos contribuindo para o empoderamento dos sujeitos, percebemos uma separação que explicita tensões. Tensões que podem ser claramente vislumbradas numa dos primeiros momentos de efetivação do currículo, aquele em que é escolhida a carga horária de cada disciplina/atividade. Nesse momento, observamos uma tendência dos professores/as de focalizar apenas sua disciplina, lutando por maior carga horária, apresentando como principal argumento as exigências feitas pelo concurso vestibular. Se essa luta explicita lutas visíveis e históricas (Young, 2000) entre os campos disciplinares do currículo, no PVNC torna-se ainda mais crucial se consideramos que é preciso, na visão de alguns docentes, abrir espaço para as aulas da Equipe Pedagógica e de Cultura e Cidadania. Ainda que se trate de uma carga horária reduzida, num total de apenas quatro horas mensais para cada, a tensão se estabelece. Entendo que essa tensão pode ser, em parte, explicada pela tradição de currículos sem compromisso claro com a formação de cidadãos críticos, que possam atuar na sociedade em conjunto com outras fontes de cultura. Por uma valorização da “cultura oficial”, que segrega por gênero, raça, sexualidade, religião, etc.

Para que essa situação se amenize se faz necessária, a conscientização por parte dos professores, para que o ato de ensinar não reflita o cotidiano escolar já conhecido, e para isso é necessário o conhecimento dos objetivos do movimento, o perfil dos alunos, a cultura local, tudo isso é preciso ser entendido pelo professor, além da importância contida no contexto do movimento, ainda assim os conflitos não se esgotam.

Analisando o que vivo no PVNC na perspectiva dos alunos/as, vejo, no entanto, a importância da existência dessas tensões na sua formação.

Esse trabalho com os alunos/as é uma tarefa um tanto quanto difícil, pois suas experiências como discentes do cotidiano escolar- ou seja, vêm a escola como um ambiente onde somente se aprende disciplinas como matemática, português, física, etc.-, se refletem no “novo” ambiente educacional, essa experiência dificulta a assimilação da importância das aulas voltadas a Cultura e Cidadania e também voltadas a Equipe Pedagógica. Não é difícil de se escutar discursos como “vou assistir às aulas das matérias

mais importantes” ou “não tem problema de não assistir essa aula, não cai no vestibular mesmo”, são discursos que exigem esforço redobrado para que esse conteúdo curricular novo não fique banalizado.

Considero que esse reflexo da cultura curricular existente, aos poucos vai dando espaço e reconhecimento da importância dessas aulas para os alunos/as. As questões levadas à sala de aula voltadas à reflexão sobre sociedade, sujeito, identidade, cultura entre outros são recebidas de diferentes modos, digo isso pela questão de ter em sala de aula alunos/as engajados no movimento. O que antes era estranho a eles/as já não é mais, acredito ser uma forma de se descobrirem sujeitos na sociedade.

Essa forma de currículo sempre trará essas questões, mesmo porque o perfil dos novos alunos e dos novos professores será o mesmo, esse confronto sempre ocorrerá enquanto o sistema educacional ainda se voltar a formar sujeitos para o mercado de trabalho.

Embora diante desse processo dificultoso entre o “clássico” e o “alternativo”, podemos analisar que todo esse processo traz à tona novas questões que nos dão a oportunidade de novas análises sobre currículo e de pensar uma forma mais democrática de educação.

Diante do que foi exposto no texto, podemos crer que movimentos como esses trazem experiências educacionais enriquecedoras para nossa sociedade, pois instauram um modelo curricular diferenciado, e os resultados tendem a se confrontar com os reflexos vistos hoje na sociedade. Em especial é possível ver como o currículo vigente em nosso país impõe o que é importante, centrando o que lhe é conveniente e desfocando a necessidade real de ter em um ambiente educacional uma cultura curricular híbrida, onde todas as diferenças se encontrem e se aceitem, voltando a educação para sua real função a de formar uma sociedade que entenda que ser diferente não nos torna melhores ou piores, apenas diferentes. Sabemos das mudanças no espaço-tempo, por isso necessitamos de atualizações diante das modificações na sociedade, sempre nos preocupando em trabalhar o hibridismo, levando em consideração o local, o tempo e a cultura existente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

HISTÓRICO do PVNC. Online:disponível na Internet via
<http://pvnc.sites.uol.com.br/historicopvnc.htm>.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002.

MACEDO, Elizabeth. *Currículo de Ciências: uma Abordagem Cultural*. Rio de Janeiro: projeto de pesquisa, 2005.

YOUNG, Michael F. D. *O currículo do futuro. Da nova sociologia da educação a uma nova teoria crítica do aprendizado*. São Paulo: Editora Papirus, 2000.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 1997.